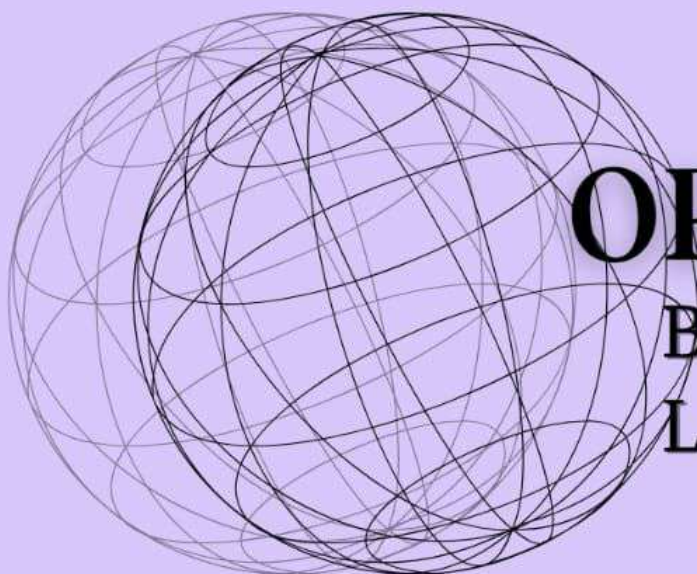




ORBIS

Boletim do
LEPEB-UFF



VOL.3 – Nº 10
SETEMBRO-DEZEMBRO/2025

ISSN: 2965-2235

Como pesquisar elites no Brasil (Resenha)

Mário Jorge de Paiva*

Gustavo Cravo de Azevedo**

Vanusa Maria Queiroz da Silva***

O livro *Como pesquisar elites no Brasil*, organizado por Débora Thomé, Matias López e Graziella Silva (2025), é um feliz achado, porque, como falamos em Paiva (no prelo), acreditamos que as Ciências Sociais brasileiras deveriam se dedicar mais ao tema dos estudos das elites. A resenha tentará mostrar que, mesmo com algumas questões apontadas, é um livro com um saldo final positivo, e que vale ser lido por quem se interessa ou pesquisa o tema. Como é um livro escrito por diversos autores há algumas ideias repetidas, assim como certos tópicos poderiam ser mais desenvolvidos, até do ponto de vista estatístico.

O livro em questão é composto por uma introdução dos organizadores e oito (8) textos. A introdução faz uma boa apresentação do tema, comentando nomes famosos no aporte teórico, vide Weber, Marx, Pareto, Mosca, Michels, Hoffmann-Lange etc., e apresentando o que o livro deseja ou não deseja fazer; falando um pouco da questão de recortes de pesquisa e outros temas caros ao grupo de pesquisadores em questão, como o fato do Brasil não ser uma “jabuticaba” na Ciência Política, ou seja, ele pode sim ser comparado com outros países, com formações políticas e econômicas similares.

O capítulo 1, *A pesquisa de elites no Brasil pelo olhar da professora Elisa Reis* de Débora Thomé, é um capítulo baseado em uma entrevista realizada com Elisa Reis em 2023, e aponta um pouco a trajetória e os interesses de pesquisa da professora em questão. É um capítulo útil para contextualizar até certos esforços de pesquisas que irão reaparecer ao longo do livro.

O capítulo 2, *Tipos de amostragem e taxa de resposta entre elites brasileiras* de Matias López, já parte para uma discussão mais metodológica, e busca “defender” pesquisas feitas por amostra e por sorteio, afinal estudar todos os membros de uma elite, ainda mais quando o universo de pesquisa é grande, é bem mais difícil. E, de modo geral, concordamos com López; sortear os entrevistados é, muitas vezes, a forma mais indicada, até para evitar viés de seleção e aumentar chances de uma amostra representativa da população estudada.

Alguns tópicos, em específico, poderiam ser mais bem desenvolvidos, mas gostamos do capítulo. Apresentamos um exemplo de tópico que poderia ter mais desenvolvimento. Em certa parte do livro (Thomé, López & Silva, 2025, p. 38), se

fala que pesquisas por amostragem são uma boa ferramenta para estimar como as elites estão compostas e se comportam mesmo quando usadas amostras pequenas. Então seria bom falar como se mede isso, o que é uma amostra pequena (como se faz uma amostra estatisticamente relevante) etc. Enfim, a conclusão de López é que é possível confirmar a utilidade de amostragem aleatória para estudar as elites do país (Thomé, López & Silva, 2025, p. 47).

O capítulo 3, *O método experimental no estudo de elites políticas* de Marcela Machado e Eduardo Barbabela, aborda como é possível fazer certos experimentos para medir comportamentos de elites políticas. Admitimos que no começo do texto ficamos um pouco confusos com o que estava sendo chamado de método experimental, mas depois se mostra uma ideia interessante. Exemplo de experimentos que podem ser mensurados, como apontado pelos autores: políticos vão responder mais financiadores eleitorais do que pessoas “comuns”, em seus canais oficiais de comunicação? Políticos possuem um nível maior de diálogo com a população em período de eleições?

O capítulo 4, *Entrevistando elites – sobre a cozinha do trabalho de campo* de Débora Thomé e Livio Silva-Muller, fala um pouco dos bastidores de uma pesquisa quantitativa, e como algumas coisas podem ser mais difíceis do que parecem. A própria pesquisa que é mais central neste livro, *How elites shape unequal democracies*, sofreu um forte revês com a questão da pandemia de Covid-19 e mesmo com o cenário turbulento do governo Bolsonaro; que, como é falado pelos autores, fortaleceu a direita radical no Brasil. Aqui há questões bem contundentes, envolvendo treinamento e seleção de equipe, busca por homogeneidade na aplicação dos questionários, membros da equipe que saem no meio da pesquisa, certos grupos de pesquisados que são de mais fácil ou difícil acesso etc.

O capítulo 5, *Relações de gênero entre pesquisadoras(es) e intermediárias(os) das elites* de Mariane Reghim e Gabriela Caruso, aborda como os pesquisadores, de alguma forma, devem tentar conquistar a confiança dos *gatekeepers* para conseguirem marcar entrevistas etc., também abordam como muitas vezes mesmo a elite sendo uma posição predominantemente masculina, os *gatekeepers*, geralmente, são mulheres. O texto aponta como o trabalho no Brasil é marcado por uma segregação ocupacional de gênero e raça, mesmo que o capítulo tenha se focado mais na questão do gênero (Thomé, López & Silva, 2025, p. 102).

Como é apontado com certos dados, quanto à porcentagem de mulheres em posição de elite podemos notar que parece existir uma leve tendência de aumento,

mas, sejamos redundantes, não é nada profundamente expressivo, pois, no melhor dos cenários, da amostra pesquisada, a proporção estimada de mulheres na elite chega aos 30% em altos cargos do governo e 18% na Câmara Federal (Thomé, López & Silva, 2025, p. 92).

No recorte de elites da pesquisa em questão, homens representam 84% das elites, enquanto as pessoas intermediárias em sua maioria são mulheres, 58% (Thomé, López & Silva, 2025, p. 104). Há aqui também uma questão de escolaridade (Thomé, López & Silva, 2025, p. 107), porque, por exemplo, profissionais de *marketing*, geralmente, possuem diplomas de ensino superior e podem assim ser vistos como profissionais especializados.

Há aqui igualmente uma discussão com o conceito de *trabalho emocional* e a invisibilidade de certos trabalhos atribuídos, geralmente, às mulheres. Outros dados apontam como *gatekeepers* mulheres recusam mais quando o pesquisador é homem, em que a interação mulher-mulher aumenta a probabilidade de êxito (Thomé, López & Silva, 2025, p. 110).

O capítulo 6, “*Quem está embaixo considera elite, mas quem está acima, não*”: reflexões de campo a partir de um estudo com elites da burocracia no Brasil de Caroline Caldas, Thais Rodrigues e Maíne Souza, aborda, como o nome do capítulo já aponta, elites da burocracia no Brasil. Ao seu modo, esse capítulo discute bem, e é um complemento, para a pesquisa *Técnicos, intelectuais e políticos na Nova República*, organizado por Maria Celina D’Araújo (2018).

O trabalho aqui contou com uma amostra aleatória simples, que selecionou 120 pessoas ocupando cargos em comissão DAS 5 e DAS 6. Como é apontado, se mostrou relativamente fácil o contato com os burocratas do Estado e eles pareciam ter uma familiaridade maior com o que é uma pesquisa acadêmica, mesmo que alguns entrevistados tenham confundido tal pesquisa com uma entrevista jornalística ou tenham ficado desanimados diante do questionário fechado; como vai aparecer novamente no livro, os entrevistados, em certos momentos, querem falar sobre suas vidas, ou mesmo justificar, de forma mais clara, suas respostas.

Uma hipótese levantada foi que certos membros da elite burocrática seriam mais difíceis de se alcançar pela conjuntura em que foi feita a pesquisa, como o governo Bolsonaro, aumento dos índices de elementos autocráticos (com perseguições aos servidores) etc., porém isso não parece ter se confirmado. Outro ponto bem frisado nesse capítulo, e que D’Araújo (2018) também discute, é a questão da importância da escolaridade entre elites da burocracia; em sua totalidade tinham

Ensino Superior, e 32% com pós-graduação *lato-sensu*, em comparação com a população brasileira. No geral, isso é bem alto (Thomé, López & Silva, 2025, p. 132).

Ao seu modo, o livro em certas partes está discutindo como os pesquisadores também fazem parte de uma elite, uma elite intelectual em um país ainda com níveis escolares consideravelmente baixos, e eles usam isso como um instrumento para alcançar os políticos e mesmo a elite economia. Se o presidente de uma empresa estudou na FGV e vê que o pesquisador(a) também estudou na FGV, por exemplo, isso não deixa de ser uma “ponte” entre eles; do mesmo modo, há um capital simbólico quando uma pesquisa de uma universidade estrangeira pede a opinião de uma pessoa sobre um tema. Outro ponto de destaque do capítulo, e curioso, é como os burocratas se definiram predominantemente de centro, mesmo que fique mais claro que haja uma preponderância dos que se denominam centro-direita; como isto era o governo Bolsonaro, e assim vários nomes foram escolhidos por tal governo, é coerente (Thomé, López & Silva, 2025, p. 135).

O capítulo 7, *Elites políticas de esquerda: abordando dirigentes do Partido dos Trabalhadores* de Talita Tanscheit, é um texto interessante, pois aborda, grosso modo, o PT, a história do PT, como o PT é um partido que possui uma base intelectual, com revistas, “intelectuais orgânicos” etc. Também discute, como em outros momentos do presente livro, técnicas para tentar marcar entrevistas com elites etc. De um modo geral, para se conseguir entrevistas com certos entes é importante ter insistência, buscar diferentes formas de se alcançar a pessoa (em certos momentos, as redes sociais ajudam), mesmo a escolha das perguntas certas pode auxiliar aqui (para a pessoa ter boa vontade em responder) e por aí vai.

O livro fecha com o capítulo 8, *Entrevistando CEOs: estratégias para furar a bolha da elite econômica* de Graziella Silva e Débora Thomé, e que aborda como os CEOs atualmente são os entrevistados mais difíceis de se alcançar, por mais que isso não seja necessariamente verdade em todos os países, havendo uma discussão sobre o que é uma elite econômica. Afinal, qualquer super-rico poderia ser considerado parte da elite econômica?

Esse capítulo possui certas questões levantadas bem relevantes, como a questão de financiamentos de campanhas políticas (havendo formas de influência política que são ilegais); se fala como a pesquisa tentou recrutar pesquisadores de direita dentro das Ciências Sociais (já que, estes estariam ideologicamente mais alinhados com os entrevistados em questão), mas falhou nisso; há uma discussão sobre o nível de

adesão dessa elite econômica ao modelo democrático. Aqui há também o caso do CEO que se mostrou reticente em responder uma pergunta sobre racismo e cotas no Brasil, pois racismo não existiria aqui. Enfim, uma gostosa gargalhada para fechar bem o livro. Respostas fechadas nesse caso, acreditam as escritoras desse capítulo, são úteis para os entrevistados serem obrigados a darem respostas diretas, “sem enrolar”, por exemplo.

Fechamos essa resenha como começamos ela, elogiando o livro e louvando seu esforço de pesquisar elites (algo que não é nada fácil), mesmo que enquanto uma resenha (ou seja, um trabalho de finalidade crítica) também tenhamos que apontar como ele não é perfeito. Algumas discussões poderiam ser mais exploradas e alguns autores teriam dado mais “caldo” para certos pontos, vide as pesquisas de Maria Celina D’Araújo (2018), Eduardo Raposo (2020), Vanusa Maria Queiroz da Silva (2019), Marcelo Medeiros (2023) etc.

Referências:

D’ARAÚJO, Maria Celina. (org). **Técnicos, intelectuais e políticos na Nova República**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2018.

MEDEIROS, Marcelo. **Os ricos e os pobres: o Brasil e a desigualdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

PAIVA, Mário Jorge de. **Não estude sociologia!:** um (inusitado) convite ao mundo das ciências sociais. Curitiba: Appris, no prelo.

RAPOSO, Eduardo de Vasconcelos. (org). Dossiê: elites políticas. **Perspectivas, Revista de Ciências Sociais**. n.1, v. 53, 2020.

SILVA, Vanusa Maria Queiroz da. **Militares e Sociedade:** um estudo sobre a formação dos oficiais do Exército Brasileiro. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

THOMÉ, Débora; LÓPEZ, Matias; SILVA, Graziella. (orgs). **Como pesquisar elites no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2025.

* Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). E-mail: mariojpaiva91@gmail.com

**Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). E-mail: gustavo_cravo@hotmail.com

*** Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). E-mail: vanuqueiroz@gmail.com